



**Volker, P.\***

\* Coordenador do Centro de Informação e Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e membro do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC).

**Unitermos:**

Conscienciologia  
História das Ciências  
Paradigma Consciencial

**Key-words**

Conscientiology  
History of the Science  
Consciencial Paradigm

## Esboço para uma Crítica da Epistemologia da Ciência da Consciência.

Sketch for a Criticism of the Epistemology of the Science of Consciousness.

**Resumo:**

Este artigo, embasado no estudo da história das ciências, busca delinear de forma crítica, a estrutura e as bases paradigmáticas que norteiam a ciência na atualidade. A partir destas considerações, sugere a necessidade de apresentar um terceiro paradigma - o consciencial, capaz de alavancar as bases epistemológicas da renovação do conhecimento humano, ampliando o referencial teórico e metodológico da ciência.

**Abstract:**

This article, based on studies of the history of the sciences, tries to delineate critically the structure and the paradigmatic basis that guides the science nowadays. Starting with these considerations, it suggests the necessity of presenting a third paradigm - the consciencial one, able to rise the epistemological basis for the human Knowledge renovation, amplifying the theoretical and methodological reference of the science.

### 1. O Velho e o Novo: Os Paradigmas da Ciência

#### 1.1 Abertura

Não é porque:

- ♦ os cientistas quânticos "chocam" as partículas elementares, produzindo mais partículas onde antes não havia nada;
- ♦ as moléculas do código genético permitem entender a vida como sistemas organizados e integrados;
- ♦ a complexidade histórico-antropológica-cultural patenteia-se como irredutível às análises deterministas,

que se vai cometer a iconoclastia áulica de atear fogo na cultura científica ou fazer a sua apologia. Pelo contrário, sabendo-se agora o perímetro da sua eficácia e pertinência, pode-se aplicá-la com muito mais mestria e competência, entendendo-se exatamente como, onde e quando a ciência é produtiva, e para quais objetos apresenta uma metodologia eficaz.

Usar a ciência e suas novidades como um objeto de consumo "prêt-à-porter" é tão ridículo quanto querer agir a partir do ponto de vista da teoria da relatividade durante a descida de um tobogã. Seja lá qual for a opinião das pessoas sobre a história da ciência, conhecer os "clássicos" é condição para conhecer o novo. "Por isso é necessário ensinar a ciência a todo mundo; e não

apenas a ciência, mas também a história da ciência" (Sábato. 1985.p.25).

O cientista quântico e escritor Ernesto Sábato nos ensina algo fundamental: "A ciência exata é uma escola de modéstia, de valor intelectual e de tolerância: mostra que o pensamento é um processo, que não há grande homem que não se tenha equivocado..." (Sábato.1985.p.25). Deste modo, parece que a postura mais razoável frente ao problema da ciência, para todos que de alguma forma, pensam trabalhar com pesquisa, é a prudência. Seja na ação, seja no discurso, a prudência é gestada no difícil trabalho de compreensão do mundo, físico ou extrafísico, como uma complexidade irredutível. Dar choques no músculo da rã não significa mais compreender como a rã pula.

Prudência no mundo científico chama-se dúvida. Dúvida é uma metodologia, que não se confunde com preconceito nem com "assimilação simpática".

#### 1.2 As Bases da Ciência

"Mas como um homem que caminha só e nas trevas, resolvi ir tão lentamente, e usar circunspeção em todas as coisas que, mesmo se avançasse muito pouco, evitaria pelo menos cair. Não quis de modo algum começar rejeitando inteiramente qualquer das opiniões que porventura se insinuaram pela razão, antes de despender bastante tempo em elaborar o projeto da obra



que ía empreender, e em procurar o verdadeiro método para chegar ao conhecimento de todas as coisas que meu espírito fosse capaz" (Descartes, 1969). Eis alguém que fez da dúvida o método.

E não nos iludamos com sua modéstia ao dizer que não rejeitaria opiniões. Cartésio é um radical. Enquanto alguns duvidam com leviandade das "verdades" que ouvem, o antigo aluno dos jesuítas de La Flèche, faz da dúvida condição do saber.

Que radical diferença! O que diriam os dogmáticos se lessem o Discurso do Método e soubessem que quem o escreveu foi um católico que se preocupava em fundamentar a relação entre a alma (*res cogitans*) e o corpo (*res extensa*)? Para Descartes - que aqui pode muito bem representar toda a modernidade ocidental até os dias de hoje - não é possível recorrer mais à última instância divina para se ter o conhecimento da verdade. O homem está só, isolado na sua individualidade, no seio de uma natureza que, como dizia Bacon (O Novo Organum), deve ser torturada para confessar os seus segredos.

Passando pelo moinho triturador da dúvida cartesiana, nada mais resta a não ser o *Cogito*. Existir é duvidar. E esta dedução, exercício supremo e límpido do pensamento, é a instituição da razão como a nova "última instância" da verdade. Deste modo, o pensamento moderno, a partir dos séculos XV-XVI, agasalhou a razão - a nova produtora da verdade - com uma nova roupa: a ciência.

Entretanto, o que é a razão? O que significa entender o pensamento enquanto racionalidade? Significa instituir uma ontologia fundada nos princípios:

1. da identidade . "A" = "A"
2. da determinidade "A" só é porque foi causado (Cf. Volker.1983.p.101).

Conhecer, fazer ciência é, portanto, apreender o objeto na sua identidade e determinar suas causas.

Deste modo, não basta ver ou designar o objeto, sentir ou perceber, intuir ou experimentar, achar ou premonir. É necessário ultrapassar a sua mutabilidade aparente e distinguí-lo como uma variável independente ou dependente no interior de um conjunto.

"E tendo observado que neste júzo penso, logo existo, nada há que me assegure a verdade, salvo que vejo claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei poder tomar como regra geral que todas as coisas que percebemos bem claramente e bem distintamente são sempre verdadeiras" (Descartes.Op.cit). A ação analítica, ao subdividir um todo e isolar suas partes, cria condição para que todo objeto seja matematizável e passível de experimentação. Esta é a essência da razão e da ciência ocidental.

A lógica identitária (a razão científica), ao apreender o real como "... elementos fixos de um

conjunto cujas características são definidas ou definíveis e, por conseqüência, manipuláveis" (Volker.1981.p.39), possibilita que a máxima hegeliana "todo real é racional e todo racional é real", se constitua como o estatuto da verdade. Entender o real como racional (distinto e determinado), pressupõe a sua análise (todo real é divisível em partes simples) e, conseqüentemente, a sua manipulação.

### 1.3 A Crise da Ciência e o Novo Paradigma

Entretanto, dado a dúvida como instrumento de busca e produção da verdade, a história da ciência nos mostra que este instrumento se volta contra a própria ciência. Abre-se com a dúvida metódica o processo de interrogação ilimitada mesmo daquilo que se postava como claro e distinto: a própria ciência, a razão e a lógica. A cada interrogação, a cada distinção, mais se percebia que o simples e claro se esquivava do método. Do objeto à molécula, ao átomo, às partículas elementares, em busca de algo que seja o fator último e simples de constituição da matéria ...e nada. Só mais complexidade. Onde se pensava achar o simples se encontra a mecânica quântica, o *big bang*, a consciência.

Então, "Hoje temos de pôr metodicamente em dúvida o próprio princípio do método cartesiano, a disjunção dos objetos entre si, das noções entre si (as idéias claras e distintas), a disjunção absoluta do objeto e do sujeito. Hoje, a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as imbricações, as interdependências e as complexidades" (Morin.1977.p.19). Ou seja, no momento mesmo em que o mundo ocidental duvidou do mito, descaracterizando a religião como lugar de verdade e instituindo o saber como racionalidade, resultado do método que constitui objetos claros e distintos, não pôde garantir que a própria racionalidade fosse preservada da metodologia da dúvida.

A racionalidade, que controla, domina e define, é operacional: constrói, através da tecnologia, a modernidade e transforma o mundo. Entretanto, o controle que pressupõe, este que, a partir dos elementos, da determinação das causas e da previsão dos efeitos, funciona no universo específico da técnica, não dá conta da maioria dos fenômenos da sociedade, da natureza e do extrafísico. Lá onde campeia o imprevisível, a razão depara-se com o seu outro: a partícula que se cria do nada, a molécula que se organiza como vida, a consciência na sua infinita trajetória entre o físico e o extrafísico.

De repente o mundo se tornou complexo. A ciência descobriu que a realidade é mais que um silogismo, mais que uma simplificação. Nos últimos anos estamos vendo os projetos baseados no paradigma clássico desmoronarem. A crise aconteceu naquelas "regiões" que pareciam mais seguras e de futuro mais promissor: na



física e na biologia. Uma autoridade como Jacques Monod, Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1965, anuncia: "A tese que apresentarei aqui é a de que a biosfera não contém uma classe previsível de objetos ou de fenômenos, mas constitui um acontecimento particular, de certo compatível com os primeiros princípios, mas não deduzível desses princípios. Portanto, essencialmente imprevisível" (Monod, p.54). Nos diz ainda o biofísico Henri Atlan: "Sabe-se com efeito que, durante muito tempo e, por motivos de facilidade, a Física e a Química se empenharam muito mais em descrever e explicar os fenômenos reversíveis que os irreversíveis; e na medida em que todos os fenômenos naturais são irreversíveis, na maioria das vezes só se tornou possível descrevê-los do ponto de vista físico-químico, subdividindo-os - no espaço e no tempo - em várias partes consideradas, numa primeira aproximação, como assimiláveis a fenômenos reversíveis" (Atlan, p.179). Finalmente, nas ciências sociais, o sociólogo Edgar Morin diz "... evoco a organização biológica e a organização antropológica, mas sempre sob o ângulo da organização física. A cada desenvolvimento do conceito físico de organização vão surgir exemplos/referências biológicas ou antropológicas. Este fato parecerá extremamente confuso aos espíritos para quem a física, a biologia, a antropologia e a sociologia são essências separadas e incomunicáveis. Mas aqui, este fato é necessário tanto mais que, tudo quanto é organização diz respeito à biologia e à antropológica, e também porque problemas e fenômenos organizacionais, virtuais ou atrofiados, ao nível das organizações estritamente físicas, se manifestam e se expandem nos seus desenvolvimentos biológicos e antropológicos. Isto significa que os fenômenos e os problemas biológicos e antropológicos necessitam, para serem concebidos e compreendidos, numa formidável infra-estrutura organizacional, ou seja, física" (Morin, p.31).

A lógica do complexo está revelando um novo real. Esta revelação exige um "Novo Paradigma", um "Novo Estilo", uma "nova aliança" (Cf. Garcia.p.27), que pressupõem a unificação dos campos de conhecimento. A razão que procurava afastar o incerto, o imprevisível, o irreversível, deve agora trabalhar sob estes parâmetros.

A verdade da razão é a verdade de uma parcela ínfima da realidade, exatamente esta realidade que a própria razão cria: simples, limpa, distinta e clara. O social, o indivíduo, a natureza e a consciência - complexidades auto-implicadas - só parcialmente são apreendidas pela razão. Aqui, a arte pode dizer de verdades inacessíveis para a ciência; a paranormalidade pode expressar aspectos indetermináveis pelo método; a projeção lúcida pode ser muito mais profunda e, ao mesmo tempo, absolutamente incompatível com a lógica.

Sabemos que o positivismo e o neopositivismo já tentaram unificar os campos do conhecimento. Entretanto, é necessário esclarecer, foram sempre tentativas que tinham como base o método. No novo paradigma, a unificação passa pelas teorias e, mais precisamente, pelos sistemas pesquisados.

Pesquisa-se o real, na sua complexidade, a partir da sua totalidade. Esta totalidade é indissociável da física, da biologia, da antropologia e da sociologia. Este é o problema, esta é a questão: "dizemos questão, pois a discussão está em aberto, parece mesmo ser esta a tarefa atual da pesquisa científica - precisamente, dar conta da complexidade do Real" (Garcia.p.27).

Agora, onde havia determinidade e causalidade, existe organização. A complexidade do real diz da organização a partir de sistemas de sistemas, em inter-relações. Organização é: "disposição de relações entre componentes ou indivíduos, que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas ao nível dos elementos ou dos indivíduos" (Morin.p.155). As relações dispostas pela organização formam conjuntos de inter-relações, que são "ligações associativas e/ou combinatórias de dependências fixas ou rígidas, ativas ou interativas, retroativas ou informacionais" (Morin.p.154).

A organização é um fenômeno total. Nela, todos os elementos são integrados, articulados, em redes e estruturas de subordinação ou hierarquias, em continuidade ou descontinuidade, como um "integron" (Jacob.p.302).

Neste paradigma, a ilusão da física clássica de dividir o elemento em busca de uma estrutura indivisível, átomo, é destituída de sentido. Os físicos descobriram que o átomo é uma organização complexa, composta, e que seus componentes são realidades multi-complexas, integradas, incertas, indefiníveis fora do todo.

#### **1.4 A Necessidade de um Terceiro Paradigma**

Não há como pensar a ciência fora da história; não há como pensar a ciência fora do contexto da sociedade contemporânea, com suas complexas características e contradições; não há como pensar a ciência fora de um fazer. Quem, na fábrica, luta pela sua sobrevivência e por sua dignidade, entende, a partir deste cotidiano, a pertinência dos seus saberes e a credibilidade necessária de cada um deles, para que, às quatro horas da manhã, tenha ânimo de se apertar em um ônibus e acreditar que isto é fundamental para a sua vida.

Eu, que gastei horas dos meus últimos dias pensando, estudando e refletindo sobre a ciência, justificava-me a todo instante dizendo que vale a pena tratar algo tão complexo desta forma e não de outra. Acima de tudo, era movido pela convicção de que, ter entendido um pouco da profundidade da ciência



contemporânea, explica alguns aspectos deste abismo inefável que é a socin (sociedade intrafísica) e da minha própria vida.

No julgamento dos espíritos mais empolgados, esta pinguela de madeira chamada ciência, é suficiente para transpormos o caos. Não é. Enquanto constrói, a razão dá conta de si. Mas quando reflete sobre o que fez e, desesperada, volta a "luz" para si, torna a ver o abismo.

Entretanto, não há como não ter razão. Não há como não instituímos verdades, resultantes deste macro-acordo que se chama instituição da sociedade. Mas também não há como não ver o que a razão chama de insondável, exatamente os nichos onde ela é menor. A razão, que não compõe com outras capacidades de percepção e de sentido, fala assim do inexplicável: "Eles [os conteúdos dos sonhos] fogem por todos os lados, na rede entrelaçada de nosso mundo de pensamentos` eles são magmas em um magma" ( Freud sobre o "umbigo do sonho", numa citação em que Castoriadis tenta dizer deste insondável do mundo e do indivíduo - Cf. Castoriadis.1982.p.322). Ou seja, o "Novo Paradigma" rompeu com a simplificação, reconheceu a complexidade, mas não foi capaz de integrar a razão com o complexo conjunto percepções e sentidos que a consciência possui.

Deste modo, como poderia dar conta do "umbigo do sonho" ? Como dar conta do complexo que derrama do humilde vaso da razão ? O que há no fundo do abismo ? O que a razão chama de insondável, magma, inabordável, ilógico, impossível ?

Estas questões não são estabelecidas pela ciência hodierna como pertinentes. O "umbigo do sonho," que Freud não podia apreender, pressupunha um outro paradigma para ser entendido. A psicanálise, ao determinar a história da pessoa usando o ponto de vista físico e conceber a psique como o inconsciente e suas manifestações, aprisionou as experiências de uma pessoa que dorme em uma dimensão empobrecida e matou a possibilidade de "ver" o que há além do próprio inconsciente.

Todas abordagens do sonho, sejam fiscalistas ou simbólicas, cometeram o mesmo erro, pressupunham que a psique era a elaboradora dos conteúdos manifestos. Se Freud teve a genialidade de dizer que uma das formas de abordar o inconsciente é através do sonho, sua racionalidade e seu paradigma foram um obstáculo para descobrir a projeção da consciência. Faltou-lhe um terceiro paradigma.

## 2. O Paradigma da Consciência

### 2.1 Teoria e Método

Toda ciência possui uma teoria, um método e um objeto. A Conscienciologia, ao se fundar como ciência, constituiu um arcabouço conceitual, que objetiva compreender seu principal objeto: a consciência.

O método de pesquisa, abordagem, verificação e experimentação da Ciência da Consciência se vincula de modo orgânico e auto-implicativo com ela própria. Entender a vinculação desta ciência com seu método, pressupõe aprofundar os conceitos de identidade e projeção, pois trata-se de uma relação absolutamente especial. Não se pode pensar em relações de exterioridade e de pura objetividade entre a consciência (sujeito), que formula uma pergunta sobre si mesma (objeto), e tem como método de investigação e resolução do problema formulado, a sua própria manifestação em outro veículo.

O problema da auto-implicação entre sujeito e objeto é a possibilidade do sujeito induzir, com idiosincrasias próprias, a neutralidade na abordagem do objeto. Todas as ciências, que enfrentaram este problema, resolveram este obstáculo através da postulação de um outro lugar, externo e "não contaminado", de racionalidade ou através da exterioridade do instrumento de verificação. O "outro lugar" elimina, mesmo que temporariamente, o sujeito. O instrumento, materialização da técnica, a princípio neutra, possibilita que, mesmo com a interferência do sujeito, a abordagem do objeto tenha esta mediação que garante objetividade.

Nas ciências humanas, Marx vai dizer da diferença entre o método de investigação e o método de apresentação (Cf. Prefácio da primeira edição de O Capital). Diferença esta que possibilita a aplicação do instrumental positivista (pretensamente neutro) para a abordagem do objeto e, posteriormente, a introdução da dialética (onde sujeito e objeto se auto-implicam, como uma praxis) na síntese totalizante da apresentação do problema. Na física quântica, o instrumento possibilita revelar as conseqüências da intervenção do observador, quando a posição e a velocidade da partícula elementar são frutos da sua escolha: ou bem se sabe onde a partícula se encontra e perde-se a velocidade, ou sabe-se a velocidade mas não se sabe onde se localiza a partícula.

Se no primeiro caso a técnica metodológica elimina o paradoxo sujeito/objeto (apreendo o objeto como se fosse exterior durante a pesquisa e depois apresento-me como co-pertencente), no segundo, ela controla exatamente em que condições o sujeito determina a expressão do objeto. Nos dois exemplos, o problema e a solução surgem como ingênuos, se comparados com a ordem de complexidade com que o problema se apresenta na Ciência da Consciência.

Nas ciências humanas o problema sujeito/ objeto pode ser resolvido na teoria (Marx), porque o método possibilita a exterioridade da investigação e, logicamente, a desvinculação entre os dois termos; nas ciências exatas o método possibilita manter a unidade dos dois termos, mas a teoria não explica o resultado da pesquisa (não há ainda uma teoria unificada da mecânica



quântica e da teoria da relatividade). Ou seja, enquanto uma resolve na teoria (Marx diz teoricamente de uma dialética), mas falha no método (pois aplica a metodologia positivista na sua pesquisa), na outra, o método revela (a física consegue determinar a influência do sujeito no objeto), mas a teoria não explica como e por que se dá esta influência.

No caso da Ciência da Consciência esta situação é completamente diferente. Teoria e método são indissociáveis, não somente nos princípios filosóficos ou epistemológicos, mas também porque o método é condição de existência da teoria. A Ciência da Consciência só se faz pela identidade e pela projeção.

Sendo assim, todos os tradicionais problemas entre teoria e prática perdem o sentido na Ciência da Consciência. Aqui, a prática já é a aplicação do método e a própria aplicação, no caso a projeção, e já determina um grau de entendimento do objeto, a própria consciência. Por isto, não se fala, na Ciência da Consciência, de teoria e prática, mas sim de teoria vivenciada, experimentada.

Toda a especialidade da ciência da consciência advém do seu objeto. Por se tratar da condição de todo conhecimento, a construção da Ciência da Consciência se dá no laboratório especial e múltiplo de manifestação da consciência, que são os corpos. Deste modo, porque toda consciência se manifesta em um corpo, toda individualidade possui, a princípio, a condição de contribuir para o desenvolvimento da Ciência da Consciência. Entretanto, esta condição só se realiza se a consciência se projetar.

A projeção (pro+jecto - colocar na frente do objeto) é a capacidade de algo sair de si para outro lugar. É a capacidade da consciência se manifestar em um corpo mais sutil do que aquele em que está incorporada. Esta experiência, este ato de deslocamento é a *conditio sine qua non* da identidade, e a identidade é o despertar da consciência. A projeção é a consciência em ato: sua capacidade de ganhar lucidez pelo deslocamento. Enquanto projetada, a consciência tem a percepção dos seus vários veículos de manifestação e da sua existência em várias dimensões.

Evidentemente, projeção e identidade são características essenciais de cognição, de conhecimento. Se a psicanálise diz de metáfora e metonímia, se a física diz de repulsão e atração, do centrífugo e do centrípeto, se as ciências sociais dizem da tradição e da revolução, estão sempre se referindo a estes dois aspectos elementares de manifestação do ser.

A Ciência da Consciência é então capaz de estabelecer a verdadeira relação entre estes dois termos. A projeção determina a identidade. Só há lucidez, só há reflexão, só há, enfim, consciência, se esta mesma consciência se descobre manifestando em um corpo mais sutil e se entende como mais do que era antes de projetar. A condição de identidade é a projetabilidade.

Identidade (idem + et + idem) diz do mesmo, da capacidade de algo se voltar sobre si e se reconhecer. A construção da identidade é a própria realidade da consciência. Consciência é cum + ciência, cum + *sabere*, saber de si, voltar sobre si, re + *reflecto* (o que se curva sobre si mesmo). A lucidez da consciência é então um dobrar sobre si mesmo, um dobrar que pode se fazer indefinidamente, pois não há um núcleo interior original que estanque este dobrar-se, já que a consciência na sua forma mais sutil de manifestação, como corpo mental, se identifica com todo o universo.

A consciência mais lúcida se identifica com o próprio universo, a partir de um movimento que, dobrando-se sobre si mesma, chega à totalidade. A cada vez que a consciência desdobra-se (projeta), ela dobra-se sobre si mesma (identidade) e ganha mais conhecimento sobre si, mais consciência. Deste modo, a Ciência da Consciência trata da identidade da consciência, sua capacidade de se perceber, de fazer de si objeto/sujeito de conhecimento.

### 3. Referências Bibliográficas

1. Atlan, H. *Consciência e Desejos em Sistema Auto-Organizadores*. In. A Unidade do Homem. O Cérebro Humano e seus Universais. V.III. São Paulo: Cutrix, 1978, p.179.
2. Castoriadis, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
3. Castoriadis, C. *Os Destinos do Totalitarismo*. Porto Alegre, 1985.
4. Descartes, R. *O discurso do Método*. São Paulo: Abril, 1979.
5. Einstein, A. *A Evolução da Física*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
6. Eliade, M. *O Mito do Eterno Retorno*. São Paulo: Edições 70, 1979.
7. Eliade, M. *O Sagrado e O Profano*. Lisboa: Livros do Brasil, 1970.
8. Garcia, C. Novo Paradigma. In. *Revista Tempo Brasileiro*, n.7, 1986, p.27
9. Jacob, F. *A Lógica da Vida*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p.302.
10. Kujawski, G. *Descartes Existencial*. São Paulo: Herder, 1969.
11. Monod, J. *O Acaso e a Necessidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
12. Morin, E. *O Método I*. Lisboa: Eur. América, 1977.
13. Morin, E. *O Método VI*. Lisboa: Europa América. 1977, p.31.
14. Sábato, E. *Nós e o Universo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
15. Volker, P. et alli. *Revolução e Autonomia*. Belo Horizonte: Copec, 1981.
16. Volker, P. Jau, V. *A Lógica da Lógica*. Belo Horizonte: FUMEC, 1983.



**Escola do Pensamento**

Um Curso Para a Integridade do Ser

**Instituto de Pesquisas  
Psicobiofísicas**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
INTERLIGAÇÃO MATÉRIA - CONSCIÊNCIA**

Um Curso para a Complementaridade do Ser

Coordenação do Curso: Prof. Samuel de Souza e Prof. Ramatis Rodrigues

**Alguns Itens da Programação:**

A Origem do Universo e a Origem da Vida  
Interligação Matéria-Energia-Entropia-Informação-Consciência  
Experiências da Quase-Morte e Experiências Fora do Corpo  
Fisiologia e Anatomia do Cérebro  
História do Pensamento Científico  
Psicobiofísica do Pensamento-Sentimento-Energia  
Epistemologia - Métodos de Pesquisa Científica  
Cosmoética e Desperticidade  
Terapia de Múltiplas Vivências Intrafísicas da Consciência  
Física do Pensamento  
Teoria Física de Materialização e Desmaterialização  
Modelos de Precognição e Destino  
Informação - A Fisiologia da Informática  
Astrofísica e Atomística - Mecânica Quântico-Relativística

**Docentes:**

Prof. **Samuel de Souza** (Físico- Mestre em Astrofísica- Instituto de Pesquisas Espaciais)

Prof. **Ramatis Rodrigues** (Engenheiro Eletrônico - Pós-Graduação na USP)

Prof.<sup>a</sup> **Regina Tezzoni** (Física- Mestre em Estado Sólido pelo Instituto de Física Teórica)

Prof.<sup>a</sup> **Cristina Tezzoni** (Biologia - Paramédica)

E demais Professores Doutores: nas Áreas de Medicina, Psicologia, Ciências Sociais, Bioquímica, Veterinária, Biologia, História, Física, Matemática e Engenharia.

**Duração** : 2 anos - Pós-graduando (aluno com graduação) e Aluno Especial (sem graduação)

**Carga horária** : 4 h / semana - Sábados - Limite de vagas : 100

**Taxa de Matrícula**: R\$ 80,00

**Taxa Mensal** : R\$ 80,00

**INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:**

**Endereço**: Escola do Pensamento  
Caixa Postal 42 077  
04073-970 - São Paulo - SP

**Telefones**: (011) 577-8351 / 549-2674

**E-mail** : [pensiero@nutecnet.com.br](mailto:pensiero@nutecnet.com.br)

**Para Inscrição, enviar** :

◇ cópia de RG, CPF, diploma de graduação, currículo, taxa de matrícula e foto 3X4.